



Comunidade de Práticas: Uma estratégia Iberoamericana na área da deficiência intelectual

O conceito de comunidades de Práticas nasceu na tradição das teorias de sistemas. Pretende desenvolver o conhecimento social da natureza humana, inspirado na antropologia e teoria social (Lave, 1988; Bourdieu, 1977; Giddens, 1984; Foucault, 1980; Vygostsky, 1978). Pode portanto, ser vista como um sistema social que integra várias comunidades que se correlacionam entre si. É assim um conceito que não existe de forma isolada mas que faz parte de uma rede de trabalho que visa o conhecimento dentro da sua dimensão social e por isso, integra a teoria da aprendizagem social.

Dentro deste conceito, emergem estruturas próprias que se auto organizam, com relações complexas, dinâmicas próprias, uma identidade e cultura também ela, própria.

Assim aconteceu com a realização do I primeiro Congresso Iberoamericano sobre Cooperação, Investigação e Deficiência e no I Seminário sobre Cooperação, Investigação e Deficiência onde a partir das muitas e diferentes identidades sociais e culturais, se desenharam percursos, que permitirão a esta Comunidade e á rede por esta implementada, criar ferramentas, conceitos, métodos, documentos, recursos que nos permitirão de uma forma absolutamente dinâmica e produtiva, partilhar, refletir e participar no contexto em que surgem estas mesmas aprendizagens.

A constituição da FIADOWN e o modelo de práticas que esta proporciona veio abrir a possibilidade de se encetar um trabalho aprofundado na área do síndrome de down ou trissomia 21, como também é designada esta condição cromossómica, causada por um cromossoma extra no par 21. Assim e na continuidade do trabalho que tem vindo a desenvolver desde a sua constituição em 2013, traçaram-se agora com a sua colaboração e de muitas outras organizações, novas pontes de trabalho assentes num modelo de parcerias estreitas com as organizações que intervêm nesta área no espaço iberoamericano, sustentadas em lógicas de trabalho em rede e partilha de conhecimento que permitam a curto, médio e longo prazo, contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas com Síndrome de Down, mas cuja ambição vai mais longe, promover também a qualidade de vida das pessoas com deficiência intelectual.

Juntando uma importante e significativa presença de representantes do Terceiro setor na área da Deficiência Intelectual, trabalhou-se de uma forma intensa e reflexiva durante 3 dias que permitiram aos participantes, não só o acesso a resultados científicos em áreas distintas que vão da saúde á educação, como participar ativamente em espaços de debate que, lançaram importantes pistas de trabalho, estudo e investigação futura dentro do espaço iberoamericano.

O facto de ambas as iniciativas contarem com a colaboração do meio universitário designadamente da Universidade da Extremadura, cujo empenho na investigação nesta área é



de salutar, firmou um conjunto de compromissos, que temos em crer, serão determinantes na produção científica de dados que nos permitam trabalhar futuramente de forma articulada e ajustada a um conjunto de realidades diversas com um alinhamento que tornará possível, a melhoria e a qualidade das intervenções junto da população com deficiência intelectual.

O corte com o modelo médico e assistencialista e a produção de conhecimento baseada no modelo centrado na pessoa são objetivos partilhados pelo conjunto de pessoas/organizações que ali estiveram presentes. Estreitar a relação entre países, investigar as suas diferentes realidades e traçar possíveis recomendações assentes num eixo de transversalidade são metas a atingir com vista:

à promoção do estudo, investigação e garantia de implementação das diretrizes emanadas no âmbito dos Direitos Humanos designadamente os que se encontram presentes na Convenção Internacional sobre os direitos das pessoas com deficiência, entre muitas outras;

a organização de seminários, congressos orientados para a capacitação das pessoas com deficiência e proporcionar espaços de trabalho e de participação destas pessoas, de forma que possam estar implicadas diretamente nos processos que lhes dizem respeito (Autorrepresentação, autodeterminação e promoção da vida independente).

investimento nos esforços conjuntos para a constituição de recomendações em áreas como o a intervenção precoce, educação inclusiva, emprego e inclusão na comunidade, etc...

Para terminar, apenas salientar que a ideia de combinar aspetos individuais e coletivos que potenciam não só as aprendizagens formais, mas também as informais foi algo que efetivamente valorizou o trabalho agendado para estes dias e que, muito bem, retrata o conceito de Comunidade de Práticas.

“Participation in social systems is not a context or an abstraction, but the constitutive texture of an experience of the self. Knowledgeability*as*the*modulation*of*accountability The metaphor of a journey through a landscape suggests a variety of relationships to practices.”ⁱ

Saliente-se o enorme esforço dos muitos envolvidos cujo resultado foi merecidamente reconhecido pelo demais. A boa organização. O excelente trabalho realizado por todos e com todos deu-nos vontade de voltar e de continuar a colaborar sempre que nos peçam.

Ana Rita Peralta

FENACERCI

ⁱ Etienne Wenger, *Communities of Practice; Learning, Meaning and Identity* (New York: Cambridge University Press, 1998)